2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 6. QUINTA FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1852. 12.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO Á SITUAÇÃO FINANCEIRA.

> Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, merite d'etre classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées á changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.
>
> M. CHEVALIER.

V

A opinião sem fundamento, absolutamente nenhum, como temos demonstrado, de que o Banco de Portugal deve ao estado juros pela circulação das notas do Banco de Lisboa, leva-nos, pelos tres elementos que tomámos — o direito, o facto, e a analogia — a um dos mais importantes pontos da situação financeira, em relação ao Banco, á urgente e imperiosa necessidade de cumprir o estado para com o Banco, em proveito da prosperidade publica, tudo quanto está garantido na lei, e ahi espera cumprimento tardio, mas justo e indispensavel.

Tendo exposto com verdade, e trabalho consciencioso, os factos historicos que se referem á suspensão do pagamento das notas do Banco, e ao seu curso forçado, não foi, nem indirectamente, da nossa intenção, fazer a apotheose dessas duas espantosas calamidades publicas, que por desgraça das nações, a guerra, ou os erros do governo, fizerâm registar nos seus annaes.

Affastámos de sobre taes factos o véo do esquecimento, para que fossem espelho onde as causas de taes calamidades se vissem tão claramente que os effeitos se podessem evitar.

A consequencia logica dos acontecimentos nos ensina, que ao chegar a hora da angustia, em que o pagamento das notas do Banco é impossivel, o curso forçado não vem aggravar a situação. Confessamos que é um remedio que não mitiga o soffrimento sem atacar a organisação; mas fóra do circulo das suas consequencias está a quebra, a ruina geral, e todos são fallidos, tendo no coração o desejo de pagar, e nos cofres um representativo de valores, que se não póde liquidar de prompto.

O curso forçado vem, em tal circumstancia, alliviar uma parte da sociedade do peso enorme de um sacrificio, para que generalisado, encontrado, compensado, se torne para todos mais ligeiro, e para que a confiança não fuja absolutamente ante a fallencia geral e a falta de qualquer fórma de pagar.

Á similhança do medico ao lado do moribundo, callando o soffrimento para não lhe faltar a luz do raciocinio, tambem o escriptor deve friamente apontar para as causas que dissolvem a sociedade, a fim de que se lhe procure remedio, principalmente quando estas provém de causas que não são naturaes. Insistimos na urgente e fatal necessidade com que a historia nos prova os erros dos governos arruinando as nações, para que taes erros se conheçam e se possam evitar, e para que se não tome o effeito, ou o unico meio de affastar maiores calamidades como causas, quando unicamente são effeitos.

O largo espaço em que o Banco de Inglateve suspendeu os seus pagamentos, o periodo que durou o curso forçado, foram meios infelizmente necessarios para na presença da guerra e

das suas consequencias salvar a nação ingleza de se abysmar em uma fallencia, que por muito tempo a impossibilitaria de adquirir a posição commercial que por direito lhe pertence.

Causas differentes tem levado alguns escriptores a esconder esta verdadeira origem do mais notavel phenomeno da historia do credito e da circulação, e até o mais louvavel patriotismo levou um economista distincto * a dizer, que tal phenomeno fôra resultado de que o governo aristocratico da Grã-Bretanha, provocando á guerra a França revolucionaria, se ligou ao Banco de Inglaterra.

As necessidades da circulação, e não as necessidades politicas, é que dictavam o que assim se chamou ligação.

Sem avivar recordações de que provenha qualquer censura pessoal, é incontestavel que em 1846, além dos governos terem absorvido para despezas improductivas uma somma avultada de valores, existia em Portugal uma verdadeira perturbação na circulação monetaria do paiz. Este facto foi apontado varias vezes nos precedentes artigos, para ter o desenvolvimento que comporta o espaço que a materia de que tratamos lhe póde ceder.

Trabalhamos sempre com o intento de não nos convertermos em sectarios de nenhuma doutrina absoluta, mas devemos confessar que temos mui fortes tendencias para a eschola ingleza, que aproxima a nota do Banco o mais possivel da moeda. E parece-nos que essa eschola é falsamente julgada pelos economistas francezes, quando a consideram defensora de um principio absoluto.

Um escriptor respeitavel, Miguel Chevalier, do qual tomámos a epigraphe para expressão do pensamento que dirige este nosso escripto, vae filiar a origem da eschola, a que nos referimos, na crise do Banco de Inglaterra, de que esboçâmos a historia, e marca-lhe o ponto de origem nas duvidas sobre a descida do valor do oiro ou das notas, e discussão parlamentar que se lhe refere. Ousamos, com respeito a tão acreditado escriptor, considerar como originarias de exaltado patriotismo, e necessidade fatal de esconder um abysmo, apenas mal coberto, essas exoticas definições, pelas quaes lord Castlereagh denominara a moeda — sentimento do valor — e o negociante Bosanquet, o juro de 3 por cento de 33 libras 6 shelings e 8 dinheiros, representando a libra paga em notas do Banco como moeda para conto.

* Garnier.

E parece-nos que a verdadeira origem da idéa racional, mas não absoluta da nota do Banco, em relação á moeda, teve a sua inauguração nos tão notaveis e originaes discursos com que Peel defendeu a sua reforma da organisação do Banco em 1844.

Temos presentes na memoria os raciocinios praticos e lucidos do maior homem de estado deste seculo, a par das duvidas que o seu modo de expor, não o que se chama doutrina, mas a verdade da circulação monetaria, suscitava entre outras publicações francezas, ao acreditado *Journal des Economistes.*

O estudo de uma tão importante discussão nos mostrou que eram de esperar essas duvidas, ao vêr um homem de estado, que de subito se apresentava exclusivamente como economista, a expôr os phenomenos mais essenciaes da vida economica, fóra do circulo das definições aceitas pela sciencia, mas sempre no terreno dos factos.

Se Peel estreitava as relações entre a nota de banco e a moeda, é porque era mister confundir quasi em uma só estas duas idéas, para dar á lei de 1844 a base de um papel, unico circulante representativo de valores para toda a Inglaterra; e para chegar depois ás reservas metalicas creadas por essa lei, para o banco de Inglaterra, e pela de 1845 para os bancos da Escossia, como garantes de que as variações do cambio não perturbassem a circulação interna.

É nesta base racional que aceitamos a theoria, porque estamos convencidos das vantagens da unidade de um meio circulante, e temos a mais séria attenção sobre as perturbações que na circulação monetaria do nosso paiz causa a variação do cambio para com o estrangeiro. Por esta forma a theoria é tambem ao presente precisa para defeza da nova lei que regula em 1848 os Bancos em França.

Adoptando o principio não lhe approvamos as exaggerações que forçaram o coronel Torrens, um dos mais intelligentes defensores das doutrinas de Peel, a julgar que a nota do Banco tinha uma acção especial para pagar, ou solver um devedor de seu debito em comparação com outros papeis de credito.

O proprio impugnador da doutrina de Peel a esclareceu dizendo: [1]

« Tem-se imaginado muitos termos para dar idéa da delegação de parcellas maiores ou menores de tudo quanto compõe o capital da socie-

[1] Chevalier — La Monnaie.

dade. A nota de Banco é a mais portatil de taes delegações, e a que por sua natureza mais póde circular; é isto, mas só isto, ao passo que a moeda é uma dessas mesmas parcellas. »

Em menos palavras, a eschola ingleza diz isto mesmo. A nota de Banco é a moeda, sem que esta tenha o caracter de mercadoria.

Em Portugal, na situação economica de 1846, havia completo desequilibrio nos principios que ficam apontados.

Quando, como nessa epocha, se aproximam as relações que ligam a nota de Banco da moeda, é mister que ella seja unitaria na circulação, que represente valores liquidaveis de prompto por haverem sido productivamente entrados na circulação activa, e que os elementos do que os inglezes chamam *currency*, ou meio circulante effectivo ou representativo, se complete por uma reserva metalica, não só em relação ás transacções internas, mas ás operações externas realisadas pelo cambio. Alguns destes elementos já estavam viciados, outros viciaram-se com as revoluções, e todos se impossibilitaram de funccionar, dando origem á crise.

A moeda metalica faltava não só nos cofres do Banco, mas na circulação do paiz.

Entre a alluvião de alvitres suscitados para a combater, convém lembrar o augmento de 2:000 contos de capital proposto pelos commissarios regios para o Banco de Lisboa, e a emissão de um papel proposta na representação de uma commissão especial datada de 10 de agosto de 1846.

Estes dois alvitres, que pareciam cercados de mais prestigio, só podiam tender a crear meios para acudir ás necessidades do Estado, que vinham bater á porta do Banco a pedir-lhe mais notas do que as que andavam na circulação sem pagamento, pelo mesmo Estado lhe não pagar o que devia; e a dar um meio ás corporações e pessoas involvidas na crise geral para solverem os seus debitos no todo ou em parte.

Ora o augmento do capital de um Banco por emissão de acções, quando estas chegarem, como nessa epocha as do Banco de Lisboa, a uma depreciação fóra das leis ordinarias do mercado, não se realisaria com proveito para tal estabelecimento. Um papel creado ao lado de outro que enchia a circulação, e que ao menos tinha valores que o representavam, apesar de não ser facil a sua liquidação, tambem não era recurso que désse os meios de que se careciam.

Os fins desses dois pensamentos só se podiam realisar pelo decreto de 19 de novembro, que apresentou diante da crise uma situação legal para as relações entre o Estado e o Banco, e este e seus credores. Sendo o primeiro motor da crise uma parte da divida do Estado, este juntou-a em um fundo com liquidação possivel, apesar de demorada, e tomando o Banco para base deste pensamento impoz-lhe a obrigação de pagamentos, que como Estado entendeu não poder deferir; e para que se não destruisse um instrumento de prosperidade publica concedeu-lho na circulação das notas do Banco de Lisboa, por 23 annos e meio, apesar de imperfeito de acudir ás necessidades da circulação.

Foi em virtude da combinação das provisões contidas no decreto de 19 de novembro, que os possuidores das notas do Banco de Lisboa ficaram de posse de mais alguma coisa do que de um papel morto, sem valor, nem funcções circulantes, similhante ao que certas theorias classificam como titulos de dividas socegadas. Taes provisões não resultaram em unico proveito do Banco, foi elle até o menos beneficiado, em consequencia das posteriores alterações do decreto. Muitas corporações devem ao curso forçado das notas, á sua qualidade de moeda, o haverem solvido debitos que lhe embaraçavam a continuação das suas operações commerciaes. Entre ellas se póde citar o Banco do Porto, e Companhia União Commercial: esta ultima liquidou por meio das notas, e com depreciamento grande do valor, que restituia, as contas dos depositantes das suas Caixas Economicas.

É de justiça recordar neste logar que o Banco conservando sempre esta instituição, proporcionou o meio do deposito se ter conservado até hoje em que o desconto das duas terças partes em notas é bem compensado pela capitalisação dos juros, podendo asseverar-se que o depositante, que poude esperar, chegou a ter o seu deposito em moeda metalica com o juro estabelecido, mas unicamente sem o interesse minimo da capitalisação.

Os particulares regularam tambem os seus debitos em consequencia do que foi providenciado em relação ao Banco e á praça de Lisboa; durante uma crise igual ás mais ruinosas que tem havido nas praças da Europa, não houve nem uma quebra que resultasse de tal crise.

Este facto, honroso para o commercio portuguez, é tambem uma eloquente resposta ás injustas apreciações de muitos actos, e á falsa supposição de que o Banco era o unico, ou o mais interessado nas disposições do dito decreto.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SECULO XIX.

Galvanoplastica e a douradura chimica.

(Continuado de pag. 17.)

Foi em Dorprat e em fevereiro de 1837 que Mr. Jacobi descobriu pela sua parte, ao mesmo tempo que Mr. Spencer como fica dito, o facto capital da plasticidade do cobre que veio ser origem de todos os trabalhos na electro-chimica. Achou impressos n'uma folha metallica alguns vestigios microscopicos de cobre e de mui regular desenho; investigando o modo da formação destes signaes e procurando reproduzil-os deu com o facto da plasticidade do cobre obtida pela pilha voltaica. Submetteu á acção de correntes electricas chapas de metal em que se havia traçado a buril caracteres e figuras: a decomposição do sulphato de cobre produziu deposições ou sedimentos de cobre que offereciam em relevo a estampa exacta do desenho vasado no original. Brevemente conseguiu pelo emprego de pilhas de fraca intensidade e da corrente continua obter em relevo a estampa de uma chapa de cobre, gravada a buril e de mui consideraveis dimensões. Esta chapa, primeiro resultado satisfactorio dos trabalhos de Mr. Jacobi, foi apresentada á academia das sciencias de S. Petersburgo em 17 de outubro de 1838: o ministro da instrucção publica a fez ver ao imperador que logo mandou consignar a Mr. Jacobi os fundos necessarios para proseguir em suas averiguações. O descobrimento do sabio academico fez grande impressão e foi mui preconisado na Russia.

Mr. Jacobi reconheceu, da mesma maneira e ao mesmo tempo que o inglez Spencer, que a condição indispensavel para obter deposições ou sedimentos regulares e plasticos, é empregar uma corrente de fraca intensidade e operar com dissoluções sempre saturadas: mas o academico russiano foi muito adiante do ensaiador inglez pelo descobrimento que fez em 1839 do systema conhecido hoje pelos physicos sob a denominação de *anodes ou electrodes soluveis*.

Quando Mr. Jacobi começou a operar, o objecto que tinha a copiar fazia tambem parte da pilha galvanica, formava o elemento negativo e mergulhava-se na dissolução de sulphato de cobre; mas, a dissolução esgotava-se pouco a pouco, e era necessario mantel-a no grau de saturação, fornecendo-lhe novos christaes de sal á proporção que se ia reduzindo. Mr. Jacobi achou em 1839 que unindo-se o molde ou forma ao polo negativo, e collocando-se no polo positivo uma lamina do mesmo metal que está em dissolução no banho, essa lamina, que então se denomina *anode* ou *electrode soluvel*, entra em dissolução no banho em quantidade quasi igual á que se deposita sobre o molde. O oxygenio desembaraçado e solto pela decomposição da agua dirige-se ao polo positivo da pilha; alli encontra o metal e o oxyda, isto é, fal-o passar ao estado de um composto susceptivel de dissolver-se no acido livre existente no liquido; e por esta acção continua, á medida que se effectua no pelo negativo uma deposição metallica á custa da dissolução salina, o cobre ligado ao pólo positivo dissolve-se no liquido quasi nas mesmas proporções.

O descobrimento dos anodes exerceu uma influencia immensa nos progressos da galvanoplastica: com effeito, permittiu separar o par voltaico, que gera a corrente, do aparelho em que se effectua o cunho ou estampagem. O processo galvanoplastico tornou-se mais simples por este meio, mais seguro o seu exito, e infinitamente mais curto o tempo em que pódem obter-se os resultados; finalmente poude alcançar-se deposições metallicas de toda a forma e de todas as dimenssões.

Todavia a galvanoplastica não podia ainda ter applicações mui extensas; porquanto até então não se operava senão em cobre. Nova observação feita em França por Mr. Bocquillon, em Inglaterra por Mr. Murray, e pouco depois tambem por MM. Spencer e Jacobi, proporcionou effectuarem-se deposições metallicas na superficie de quasi todos os corpos indifferentemente. Reconheceu-se que os corpos que não são conductores da electricidade, e que até alli não se prestavam ás operações da galvanoplastica, pódem, comtudo, receber a deposição metallica, se previamente se recamar a sua superficie com uma camada pulverulenta de um corpo conductor da electricidade. A plombagina é a substancia que melhor serve ao intento. Achado isto, logo se poude, em vez de operar em formas metallicas, arranjar moldes de gesso dos objectos que se haviam de reproduzir, e effectuar a deposição nestes moldes de gesso que a plombagina tornou conductores. Obtido este ultimo resultado, a galvanoplastica poude receber as applicações variadas e extensas que lhe seguram tão distincto logar entre as creações da sciencia moderna.

Vê-se, por este resumo rapido, que a galvanoplastica, definitivamente, não é mais do que uma serie de applicações dos descobrimentos que a physica e a chimica tem realisado em a nossa epocha. É propriedade das sciencias positivas e bem firmadas encerrar em seus principios uma longa serie de consequencias e de applicações que o tempo desenvolve, como forçosamente acontece.

(Continúa.)

REMEDIO CONTRA A HYDROPHOBIA.

O jornal hespanhol *la Nacion* de 4 do corrente insere a seguinte carta.

« Conheço um remedio efficaz contra a hydropnobia, ainda que se ministre depois dos primeiros accessos; o exito é affiançado pela experiencia de mais de nove annos; e recorro ás columnas do vosso jornal para que chegue á noticia de todos.

« Immediatamente depois de recebida a morde-

dura do cão, convem lavar a ferida e as partes visinhas com leite de vacca fervendo, ao menos por espaço de nove dias. A cauterisação por meio de ferro em brasa ou do nitrato de prata não offerece sufficientes garantias, porque sómente exerce a sua acção sobre a parte offendida; e a baba depositada em redor infiltrando-se a pouco e pouco póde só per si produzir a hydrophobia. O mais seguro é lavar a chaga como já disse.

Tomar-se-ha todas as manhãs em jejum, e tambem por espaço de nove dias um copo da seguinte bebida.

Trinta grammas (a gramma corresponde a vinte grãos) de raiz de angelica em pó.
Trinta ditas de raiz de genciana em pó.
Trinta de triaga fina de Veneza.
Quinze de assafetida bem machucada.
Quinze de ostra do mar em pó.
Quarenta de raiz de escorcioneira.
Duas onças de talos frescos d'arruda.
Vinte grammas de sal marinho.
Uma cabeça de alho machucada.
Tres cabeças de alhos porros com suas hasteas.
Duas cebolinhas.
Uma onça de margaritas.

Faz-se ferver tudo em cinco quartilhos de vinho tinto, do melhor que poder achar-se, n'uma pucara nova, tapada, até ficar reduzido a metade; passa-se por uma peneira fina; e póde conservar-se nove dias em garrafas bem rolhadas.

Os temperamentos delicados deitam fóra ás vezes o remedio nos primeiros dias, porém o estomago chega a acostumar-se-lhe, e o effeito anterior obsta á efficacia do medicamento.

Ha 50 annos que conheço esta receita, a qual li em uma collecção de remedios da piedosa e celebre senhora Fouquet de Montpellier. Não ha noticia de que este remedio, usado ha dois seculos, deixasse de produzir effeito. Durante os ultimos dez annos ministrei-o mais de vinte vezes a pessoas de um e de outro sexo e sempre obtive completo exito.

Quando o doente é menor de dez annos tomará só meio copo; tres quartas partes até os vinte annos; e o copo inteiro os que excederem esta idade.

Desejo dar a maior publicidade a este remedio, não por amor proprio, pois que não sou o inventor, mas por bem da humanidade e por evitar ás familias e ás pessoas accommettidas daquella horrivel enfermidade os atrozes padecimentos de que é causa. »

N. B. Se nisto ha charlatanismo os homens da sciencia, sisudos e imparciaes, que o decidam.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXI.

TODOS FALLAM, E POUCOS ENTENDEM!

(Continuado de pag. 57.)

O illustre genealogico de Viriato o libertador, cresceu dois palmos sentindo entrarem-lhe pelo coração as allusões ingratas. Appareceu-lhe á flôr da testa um rosado sanguineo; e é mais que provavel que a sua resposta fosse pungente, se não visse chegar neste momento D. Catharina de Athaide, acompanhada de Cecilia e de Theresa. Diante da formosura, o abbade era muito cortez para não esquecer as injurias, addiando ao amor proprio a sua desforra. O commendador tambem se reputou citado para sustentar o papel de Narciso, pondo-se logo de pé, e armando, com o sorriso enroscado nos beiços, uma d'aquellas antigas e rasgadas cortezias de minuete, que eram o seu triumpho. O erudito pegou na mão de Catharina, beijou-a, e exclamou em ar de galanteio:

— « Bem vinda a alegria desta casa! Um poeta diria que o sol agora é que fugiu dos braços da aurora!... Que é isso abbade? Acha a hyperbole defeituosa, ou inferior á belleza do assumpto? »

— Nem uma, nem outra coisa » replicou o annotador das barbas historicas, involvendo-se friamente na sua dignidade beliscada. « Acho-a propria do poeta. »

— « Deus lhe pague! » acudiu o latinista córando com o chasco.

— « Tive medo de ser plagiario. Está certo de que não viu uma figura similhante em algum rarissimo livro de Araras?... Mas deixemonos de livros e de pavões. Que fortuna traz á solidão deste velho *a mais bella das suas inimigas?* Cupido fez travessuras? Temos alguma maldade de que o accusar? »

— « Nada. Emprega melhor as setas! » disse a noiva do conde de Aveiras, sustendo o riso diante da figura delambida e exquisita do abbade. » Vinha perguntar se até ao jantar ha tempo de pôr outro vestido e outro toucado? Não queriamos fazer esperar. »

— « Esperar?... Pelo amor de Deus! A minha bella inimiga (era o nome de convenção que dava a Catharina) faz suspirar, mas não esperar! O tempo, impaciente e de máu genio, como o pintam, teria gosto em esquecer a fouce, pedindo-lh'o com a bocca de riso e de amores! Falta um quarto para a uma depois do meio dia; concedem-se dez minutos mais para cortezia; e d'ahi os dias, os annos, ou os seculos que a divina Egeria determinar. »

— « Que insipidos pleonasmos! » murmurou o abbade de modo que o erudito percebeu e retribuiu com um olhar mortifero.

— « Quer dizer » replicava D. Catharina, abrindo o leque e sorrindo « que se nos não apromptarmos em vinte minutos exactos, havemos de passar por baixo da meza?! Sabe, sr. Lourenço Telles, que era caso de não lhe perdoar toda a minha vida? Está claro, deseja-me feia, desagradavel... »

— « Por quem é!... A minha bella inimiga não carece senão desses olhos para ser a rainha das graças... »

— « Ai meu querido tutor! O que val é ser eu de todas a unica que precisa de parecer bonita!... Senão, em logar de tres eram duas graças e uma desgraça á sua meza. »

— « Tyranna e maliciosa Natercia! » exclamou o velho galanteador, requintando nos requebros e nas phrases assucaradas. « Não me obrigue a dedicar-lhe um soneto em louvor da sua belleza... sobretudo estando presente o abbade, que é tão critico. Em castigo hei de fazer-lhe uma saude logo, e veremos se as rosas são vermelhas! Estas noivas meninas e moças nunca poupam os velhos. »

— « A idade não são os annos. O sr. Lourenço Telles está mais rapaz de espirito do que muitos moços. »

— « Deus a ouvisse!... » atalhou o commendador com um suspiro soffrivelmente vaidoso. « Em memoria de tanta bondade, e beijando mil vezes os lyrios das lindas mãos, a minha inimiga concede-me a ventura de lhe offerecer o braço? »

— « Se o não incommoda! »

— « O meu pezar é partir tão cedo quem é o encanto desta casa... »

— « Sabe, sr. Lourenço Telles, que estou achando e meu tutor muito apaixonado e que hei de avisar o conde, para lhe metter ciumes? »

— «Querida Natercia, os velhos não assustam!.. Ah, tivesse eu menos trinta annos e o sr. conde não me arrebatava com tanta facilidade os agrados da divina Egeria!.. Então, abbade? A minha feiticeira está esperando pelo seu braço. Não mordas os beiços, que te fazes feia, Cecilia! Ri á tua vontade. Parece-te o avosinho tropego para cavalheiro de uma senhora menina e formosa? Paciencia! um dia cá chegarás se não morreres. »

— « Meu avô; Jesus! Eu não disse nada. »

— « Adivinho eu. Sonsinha! Theresa, aonde ficou Jeronymo? »

— « Não o vejo desde esta manhã. »

— « Percebo! Amuou-se; arrufos? Ora pois! Logo se farão as pazes. Não quero hoje tristezas. »

— « Então, vinte minutos exactos? » disse a noviça, largando-lhe o braço.

— « Vinte seculos, se a minha bella inimiga quer. O tempo que fôr necessario para forjar os ferros do seu fiel captivo. »

Ao mesmo tempo o abbade inclinava-se com as precauções devidas á angustia do vestido, diante da sua espirituosa braceira. Vendo-se livre do aprumado sabio, Cecilia lançou-lhe um olhar acerado de malicia, e cheio de travessura infantil, e partiu correndo a juntar-se com D. Catharina e sua irmãa. Theresa não se demorou tambem. O auctor da epistola a Lucio Floro, grave e sisudo, voltou logo a passos contados, tomando posse de uma das poltronas hospitaleiras. Quando Lourenço Telles fazia a sexta cortezia á sombra da sua bella inimiga, ouviu rodar uma sege que parou de repente diante da casa. Instantes depois a elevada estatura de Diogo de Mendonça Corte Real apparecia á porta do escriptorio, que lhe patenteava, desfeito em cumprimentos, o illustre Jasmin, mordomo-mór do seu antigo amigo. Atraz do secretario das mercês descubria-se o barretinho de seda preta e sorriam as faces sadias e floridas do padre mestre fr. João dos Remedios, completamente restabelecido do imaginario garrotilho.

O ministro recebeu a solemne e ceremoniosa cortezia do investigador das bexigas doudas com tal seriedade respeitosa, que lhe derramou na alma todas as doçuras da vaidade. No meio disto o commendador puchava cadeiras, repetia ao escudeiro as suas ultimas ordens, e abraçava o procurador de S. Domingos dando-lhe os parabens da prompta melhora. Findo o tiroteio das cortezias Diogo de Mendonça, tirando o relogio, disse voltando-se para o erudito:

— « Dez minutos para a uma! Caso raro; se a memoria me não engana é a segunda vez que me succede chegar a um jantar antes da hora justa. Mesmo não me lembra senão agora... Fr. João, encontrariamos nós algum torto em jejum? Fico desconfiado em fazendo qualquer coisa fóra dos meus habitos. »

— « Em todo o caso o obsequio é muito lisonjeiro » acudiu o commendador radioso com a pontualidade.

— « O meu antigo amigo Lourenço Telles dá-me licença de ser verdadeiro? Sempre tenho muito gosto na boa companhia que me faz; mas desta vez agradeça a exactidão a sua illustrissima. A impaciencia de aproveitar com a sua douta conversação obrigou-me a por tudo de parte. »

— « E os negocios? » interrogou o erudito perdido de riso, notando a innocencia com que o abbade se prestava á malicia do victimador.

— « Os negocios que esperem! Estes dias são de ferias... »

— « E sua magestade el-rei nosso senhor? » observou o inventor do Livro dos Pavões.

— « Mais precisava de uma visita de v. illustrissima, do que das venenosas garrafadas que lhe estão administrando... » acudiu o secretario evadindo-se á resposta directa. « Sabe, sr. Lourenço Telles, que se não fosse o sr. abbade, a esta hora tinhamos o nosso sr. João entre os martyres e confessores? »

— « É verdade. Salvou-me da thesoura da parca... Tinha cahido nas mãos de Dionisio Lopes... »

— « E passou para as do abbade? » interrompeo o latinista, incapaz de poupar uma seta ao pobre antiquario.

— « A ingratidão é negra, sr. Lourenço Telles » notou o oraculo recostando-se com magestade. « Esqueceu-se de pressa de que se ainda conserva os queixos e as gengivas a mim o deve. »

— « Julguei que meu pae se não chamava Silva! » atalhou o erudito secamente. « E não me consta que fosse abbade, e muito menos curandeiro. »

— « Deus o tenha em gloria! » exclamou o archaista vermelho e picado. » Longe de mim a idéa de me fazer pae de quem podia ser meu avô. »

Lourenço Telles deu um salto e deixou escapar uma visagem envinagrada. A allusão á sua idade provecta era tiro, que não falhava. Cheirando a pitada vagarosamente e despedindo uma vista mais que ironica pelos cantos dos olhos, o commendador replicou:

— « O que posso affirmar é que os ultimos tres dentes, graças á minha simplicidade, foram-se barbaramente nos repellões da sua torquez. Ainda os tinha hoje se o não encontro. »

— « Diga a verdade, não enfeite. Arranquei-lhos com uma linha e por signal que até sem dôr. Estavam a dançar como palhaços. »

O erudito fez-se vermelho que nem uma romãa, engulindo a sua mortificação em silencio.

— « O peior de tudo é terem-se ido! » observou o ministro intercedendo com um ar de candura, que só illudiu o abbade. » Sendo os ultimos acceite os pezames, sr. Lourenço Telles.. Os meus, infelizmente, qualquer dia me pregam egual peça. *Senectus est morbus!* Vamos fazendonos velhos, meu amigo; os annos não passam de balde. »

— « V. senhoria está muito bem conservado » insinuou o abbade.

— « Pois a culpa não é minha! Attesto! Devia ser velho aos trinta annos. Oh, fr. João, tu lembras-te! Aquelles nossos sustos de Coimbra, e o mais que não digo para não faltar á gravidade?.. A proposito, sr. abbade; teem me elogiado, merecidamente, um opusculo de v. illustrissima, feito sobre a morte de um dos nossos viso-reis, fallecido de bexigas. A obra dizem-me ser breve na escripta, porém crescida na substancia... Fallaram-me das notas com admiração. »

— « Os breves e as notas são a gloria de s. illustrissima! » disse o procurador, trocando um ar de riso com Lourenço Telles.

— « Tentativas obscuras! » atalhou o investigador das façanhas de Viriato. » Assim mesmo não faltam zoilos para morderem essas poucas lettras que me servem de recreio, e que os sabios como v. senhoria fazem a justiça de prezar... Os criticos modernos zombam das minhas notas para illucidação do texto... »

— « Zombam? » gritou o secretario com um pigarro artistico na voz, e uma vibração de cabeça cheia de indignação comica. » Está boa! E elles o que escrevem? »

— « Erros palmares, superficialidades!.. Tenho cegado a vista pelos archivos e cartorios; descubri preciosidades, livros rarissimos; o que não me perdoam é a gloria de os noticiar. Como excede a sua curta licção mettem a bulha, fazendo galla da ignorancia. Dizem que invento, por que não conhecem. Consola-me o apreço dos homens entendidos e compadeço-me dos Aristarchos imberbes ou caducos. »

A segunda parte da allusão era para Lourenço Telles, que a pagou com uma risada de despreso.

— « Compadece-se delles? Faz muito bem. Nenhuma resposta lhe sahia mais barato. Riem-se de v. illustrissima e v. illustrissima ri-se delles?.. Excellente! »

— « O publico julgará » concluiu o oraculo cheio de magnanimidade.

— « O publico é que deve julgar, diz muito bem! Elle fará justiça... como costuma. Lembra-me sempre a pendencia do frade com o almocreve. O franciscano foi na mula, e ao apeiarse ainda em cima pedia ao arrieiro que lhe pagasse a volta, visto aquella mal encaminhada havel-o tirado do seu convento. Ralharam, alter-

caram... mas no fim venceu o padre. É como succede aos criticos. Livro que mordam tem a venda certa!... V. illustrissima nunca prégou? »

— « Assusta-me o pulpito; não tenho animo. »

— « Fr. João lhe emprestará do seu. A elle sobeja-lhe. Ah fr. João, muito gritaste na quaresma ultima. Parecia uma tempestade. As creanças choravam de medo. Nunca ouvi sermão de lagrimas tanto ao vivo... Converteu-se algum hebreu? »

— « Fugiram com as creancinhas », replicou o frade agastado com o cumprimento.

— « Não te firas, que t'o não mereço. *Non ego offendar nugis!* diz o poeta Horacio, que eu traduziria aqui por um adagio nosso: do argueiro não faças cavalleiro. Foi mal, sr. Lourenço Telles?... Perdoe v. illustrissima a minha curiosidade. Não são de brasão as armas do seu annel? »

— « Pertencem á familia » respondeu o archaista corando um pouco.

— « Se não me engano vejo as roellas dos Castros e os leões dos Silvas Allegretes?... »

— « Conferidas no archivo pelo livro de Duarte de Armas. Escudo esquartelado; em o primeiro seis roellas azues em campo de prata; no segundo o leão de purpura dos Silvas em campo... »

— « Deixemos o campo; porque o brasão folga na cidade. Quero abraçar em v. illustrissima os varões immortalisados por tantas proezas. *Cedant arma!* No estado ecclesiastico, que é perfeito, o sr. abbade torna a penna illustre, como um dos Castros, vencedor de Diu, fez a espada gloriosa... Agora me recordo: não ha uma familia com laivos hebraicos do mesmo appellido? Uns Silvas que entraram no reino vendendo aguas de melissa e da rainha de Hungria?... Disseram-me que era mania delles enxertar a Judas e Caifaz no tronco viçoso dos Castros e Allegretes! Não importa. V. illustrissima lhes dará caça e os desemboscará. »

Era impossivel exceder o ar de candura com que foi disparada a frécha. O infeliz abbade, pallido, verde, e logo roxo, sentava-se, erguia-se, e tornava a assentar-se, fulminado. Antes um libello do que esta pergunta á queima-roupa. Os seus detractores pelejavam que lhe faltavam as ordens sacras por não ser de sangue limpo; e alguns genealogicos austeros, abanando a cabeça com incredulidade, negavam o parentesco das seis roellas bastardas no brasão de phantasia com as legitimas roellas e os leões orthodoxos dos Castros e Allegretes. Por cumulo de infortunio a agua de melissa e da rainha de Hungria, introduzida por seu avô, entornava-se como pez derretido sobre a fidalguia imaginaria, manchando-a para todo o sempre. Assombrado do raio estacou sem voz, ficando a olhar para o ministro como se elle fosse o espectro vingador dos heroes, victimas da sua novelleira erudição. Diogo de Mendonça tendo saboreado as tribulações do cavalleiro servente da marqueza das Minas, virou-se para Lourenço Telles, e disse por mudar de conversação:

— « Quem se demora é o padre Ventura? E admira. A companhia de Jesus não costuma fazer esperar. »

— « Em chamando por ella, verão que está perto! » respondeu da porta do escriptorio a voz suave e levemente ironica do visitador.

Olharam, e viram effectivamente o jesuita com o sorriso perenne e as maneiras insinuantes, que o caracterisavam. Entrando dirigiu-se ao commendador e saudou-o; apertou á franceza a mão a Diogo de Mendonça; fez uma cortezia amigavel a fr. João; e inclinou-se diante do abbade com um geito equivoco na bocca, mais suspeito de ironia do que de admiração.

— « Peço mil perdões se estou incommodando! Mas na escada encontrei-me com o sr. Jeronymo Guerreiro, e elle disse-me que podia subir. »

— « V. paternidade dá-nos sempre muito gosto... » acudiu o erudito.

— « São esmolas, que agradeço... Como está a santinha desta casa, a sr.ª Magdalena da Gama? No oratorio com as suas devoções? É o que julguei. Trago-lhe um presente que deve estimar; para ella tem grande valor... e para todos que somos christãos e catholicos pela graça de Deus. É um rosario tocado na ara benta do santo sepulcro de Jerusalem. Chegaram-me tres de Roma; e dos dois que ficaram reservo um para a sr.ª duqueza de Cadaval, e o outro para s. alteza o principe real... »

— « Beijo por tanta bondade as mãos a v. paternidade... Magdalena fica de certo louca de contente... »

— « A santinha!... tomara eu os seus merecimentos. Aquillo é um anjo que tem na sua casa; a virtude em pessoa. E a nossa noiva aonde foi que a não vejo? Não preciso perguntar: menina e bonita está ao espelho cuidando em se fazer mais formosa... Feliz edade! »

— « Passou por aqui ha poucos minutos; e advinhou v. paternidade; foi-se fechar no seu toucador... »

— « Nestas coisas é facil ser propheta, sr. Lourenço Telles! » tornou o padre com um sorriso carinhoso. « Dá-me um coração novo e sem malicia, conta o adagio, que eu te direi no que elle cuida. A proposito: acho aqui alguem de menos, e espero que não seja por motivo de desgosto... »

— « Meu sobrinho Filippe? »

— « Tambem nos faz muita falta; mas tinha na idéa o sr. conde de Aveiras. »

— « Mandou as suas desculpas. Está de serviço, e foi com s. alteza á real quinta de Alcantara. El-rei parece que não passa melhor, e principia a dar grande cuidado... »

— « Aqui temos o sr. Diogo de Mendonça que nos póde dar noticias frescas... » insinuou o padre Ventura.

— « Por ora » observou o ministro cruzando a vista com a do jesuita « os medicos ainda teem esperança. S. magestade esta manhã descançou umas poucas de horas, e ficou mais alliviado. Desde que trouxeram para o seu quarto a bemaventurada imagem de Nossa Senhora das Necessidades as melhoras continúam. Confiemos que ellas não parem para satisfação e gloria destes reinos. »

A redacção official do boletim mereceu o credito costumado. Olharam todos uns para os outros, inclinando a cabeça em signal de assentimento; mas entendendo logo que D. Pedro II se não estava morto, estava em perigo de vida.

— « Elevemos o espirito a Deus! » disse o visitador depois de uma pausa de alguns momentos. « Elle fará o que fôr servido. Espero que a nossa menina bonita do convento tambem nos faça companhia? »

— « Cecilia?... Deu-lhe sua mãe licença para acompanhar D. Catharina. São grandes amigas. Sabe, sr. padre Ventura! Tenho medo ás vezes daquella creança. No meio das travessuras do seu genio sahe com acertos, que me admiram. Depois é tão fraquinha de compleição, tão franzininha de corpo, que se tivesse desgosto forte... »

— « Deixe-a crescer; ella se fará mulher... O corpo parece fraco, mas a alma é grande, e o coração tambem. Ha de poder com a vida, asseguro-lhe!... Em Santa Clara sei que á força de vontade e de espirito era capaz de vencer até os impossiveis. Cuidado com alguma paixão infeliz! Extremosa e decidida, conheço-a, ninguem póde prever aonde chegaria a sua dôr. »

— « Por esse lado estou tranquillo. É muito nova ainda... »

— « Faz mal. Ás vezes o amor não espera pelos annos. »

— « É verdade. Eu mesmo (e estou fallando!) aos dezeseis annos já tinha as minhas primeiras proezas como o duque de Richelieu, filho do meu antigo amigo... »

— « Mas o sr. Lourenço Telles pagando o tributo ás verduras da idade, com a reflexão ficou no prologo? » acudiu o jesuita sorrindo-se.

— « Prouvera a Deus! » redarguiu o erudito com um ar de fatuidade deliciosa, que lhe tornou a physionomia quasi juvenil. » Infelizmente neste sentido as minhas verduras acabaram muito tarde... Fui grande peccador. Mas no meio dos meus erros quiz a fortuna que o coração nunca me tomasse conta da cabeça; por isso estou aqui são e salvo de mais de um naufragio. »

— « Mas, Cecilia se hoje amasse entregava-se á paixão inteiramente e não queria outra vida nem outro amor » disse o visitador serio e quasi triste. « Consummia-se de magoa e de saudade, sem se queixar, sem verter lagrimas que se vissem... Não sabe a grandeza e a sensibilidade da sua alma. Não calcula a ternura daquelle coração que julga ligeiro, daquella cabeça que parece endoudecer-se por qualquer cousa. Eu que a estudei é que posso medir o abysmo e tremer! »

— « Então acha perigo? Receia?.. » exclamou o commendador assustado e interrogando ancioso o seu interlocutor mais com a vista ainda de que com as palavras.

— « Eu? Não achei nada; não disse que receio... sómente observo que todo o cuidado é pouco nestas coisas. O futuro está na mão de Deus; não podemos prevel-o, nem remedial-o... sr. Diogo de Mendonça, esteve hontem na corte real, já sei, e beijou a mão ao principe? »

— « Demorei-me perto de uma hora com sua alteza. »

— « Diga antes que sua alteza o demorou... Por signal me asseguram que o recebeu com toda a estimação, fazendo-lhe perguntas sobre o estado do reino e a sorte das armas portuguezas em Castella... Posso-lhe dizer e de boa fonte que o principe ficou agradado de o ouvir, e se lhe mostra agora muito favoravel. Assim o esperei; e escuso acrescentar que o estimo. O sr. Lourenço Telles conhece de perto a sua alteza? »

— « O principe era muito pequeno quando lhe beijei a mão pela ultima vez. Depois não o tornei a vêr. Ha dez annos seguros que não frequento a corte. »

— « E de sua casa ninguem o conhece? »

— « Ninguem. Vivemos quasi em clausura até agora. Magdalena supunha-se viuva e não fazia senão gemer e rezar pelas suas contas. Eu, aborrecido e velho, metti-me com os livros, e deixei o mundo... talvez para que elle me não deixasse primeiro. Creadas com sua mãi, as pequenas tiveram uma educação recatada não sahindo de casa senão para a egreja. De sorte que dos festejos e ceremonias da corte, não ha uma a que assistissemos. Quem já beijou a mão a sua alteza foi Jeronymo Guerreiro. »

— « Assim o suppuz. Não estranhe a pergunta. Estou certo de que se frequentasse a corte não o deixavam tanto tempo socegado com o seu Horacio. Admira-me que o sr. Diogo de Mendonça o não desafiasse para ir ao paço? »

— « Mais de cem vezes! Mas os velhos teem as suas teimas. A minha foi esta. Não me dei mal. »

— « Ahi vem o nosso capitão! » atalhou o secretario apercebendo Jeronymo Guerreiro á porta do escriptorio. « Acho-o triste e abatido de parecer. Costuma ser mais alegre. »

— « Amuos de namorados » respondeu o commendador. » Theresa é caprichosa e Jeronymo entre ovelhas não sabe ser leão. »

Effectivamente o mancebo ainda vinha pallido e desfeito do abalo, por que passara na sua conversação com Theresa. Observando-o com a sagacidade usual, o jesuita leu-lhe no semblante uma dor funda e sombria, tanto mais cruel quanto se concentrava no silencio e na quietação apparente. Percebeu-lhe na magoada tristeza dos olhos vestigios dessas lagrimas de sangue, que a alma derrama como fogo sobre o coração, para lhe queimarem em poucos dias a frescura das illusões. Desde logo entendeu que o golpe fôra mortal, porque a esperança, fugindo, só deixava em trevas a vida do mancebo.

Jeronymo, assim que entrou, conduziu de parte a Diogo de Mendonça, fallando-lhe cheio de animação. O visitador attento descubriu no rosto do ministro, primeiro o assombro, depois o pesar, e finalmente uma resistencia quasi paternal. No aspecto do noivo de Theresa ia-se caracterisando cada vez mais aquella resolução ferrea, aquella vontade firme e inabalavel, que o fazia terrivel na sua peleja, e sublime nos perigos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Trovoada em Hespanha. — Uma tempestade horrorosa, acompanhada de violento furacão, destruiu completamente a colheita da uva, as batatas, a fructa e todo o genero de hortaliças em Huete, provincia de Cuenca. Os campos converteram-se em lagoas: o numero de pessoas feridas passa de oitenta; e o gado vae perecer por falta de pastos.

Em Palencia o temporal causou notaveis estragos; o pão que estava nas eiras perdeu-se, e o que estava nas searas pouco se aproveitará porque hade ceifar-se humido e podre, ou seccando esbagulha-se. Em Fuente de Val de Espino chegou a grelar o trigo nas eiras.

Mina aurifera em Hespanha. — *Granada 21 de julho.* — Ha dias que os mineiros desta não fallam n'outra coisa senão em o aparelho que se recebeu para a extracção de particulas auriferas nos terrenos de Senes a tres quartos de legua desta capital. Effectivamente foi collocado na fabrica que se está edificando, e em 400 quintaes que limpou no dia 16 do corrente deu um resultado mui vantajoso.

« Á vista deste resultado começaram varios individuos a interessar-se em outras demarcações, porque a empreza *Nova California* não quer mais socios do que os fundadores; e o exito feliz da empreza consiste naquelle aparelho, porque ouro nem sempre se tira; todo o mundo sabe que o rio Darro contem particulas auriferas, mas extrahida quantidade nunca vimos como agora com o citado apparelho.

Incendio fatal. — Em Montreal (Canadá) houve no mez ultimo uma conflagração que fez prejuisos assaz consideraveis. Um bairro pobre, habitado pelos canadienses de origem franceza foi consumido pelas chammas quasi na totalidade. Calcula-se em 5:000 o numero de pessoas que ficaram sem abrigo em consequencia desta desgraça, e a perda monta a tres ou quatro milhões de pesos duros.

Presente. — Esperava-se em Vienna uma deputação de israelitas de Jerusalem que offerecem ao imperador um vaso artisticamente fabricado de pedra extrahida do Mar Morto ou lago Asphaltite. É um testimunho de gratidão que tributam ao imperador pela mercê de estabelecer em Jerusalem um consul austriaco que dispensa aos hebreus daquella cidade mui efficaz protecção.

Colonisação agricola. — Em 12 de julho partiam de Paris para as possessões francezas da Argelia cem engeitados a fim de estabelecerem uma colonia agricola. Foram escolhidos d'entre os expostos de 10 a 13 annos, e approvados por medicos que lhes conheceram o estado de saude e robustez sufficientes para se acclimatarem naquella região.

O padre Brumeaud, fundador desta nova colonia, já dirige nas planicies de Argel estabelecimentos similhantes, em que trabalham mais de 500 engeitados.

O mesmo leva tambem comsigo cem rapazes orphãos, escolhidos pelas commissões de caridade de Paris e seus arrabaldes.

CHRONICA.

Então está já completa a companhia para a primeira epocha do theatro de S. Carlos? Sabem-se já os nomes dos artistas escripturados? São estes os primeiros cumprimentos que nos dirigem, quando nos encontram, alguns dos *dilettanti* mais impacientes pela abertura do theatro italiano. Fazem-nos estas perguntas, e pedem logo uma resposta explicita e cathegorica, como se pelo simples facto de publicarmos neste jornal as noticias do theatro de S. Carlos, nos devessemos achar sempre habilitados a saber tudo o que ha de novo neste assumpto. Talvez julguem que temos algum agente especial fóra do paiz que nos informe minuciosamente de tudo o que por lá occorre, e que nos diz respeito. Pois enganam-se. As noticias provém-nos dos jornaes estrangeiros, ou de alguns amigos com quem nos correspondemos. O certo é que se verificou agora a noticia que démos, ha mais de um mez, de terem sido escripturadas as primeiras damas Anaide Castellan, Rossi Caccia, as duas irmãs Agostini, assim como o primeiro baritono Bartolini. Muitas pessoas hesitaram então em acreditar na escriptura de madame Rossi-Caccia. Não diremos se, na nossa opinião, o sr. Porto obrou com acerto em apresentar de novo aquella artista na nossa scena, mas o que não padece duvida é que ella está effectivamente contractada pelos ultimos tres mezes da epocha, e madame Castellan desde o 1.º de outubro até 15 de fevereiro proximo.

Consta-nos que estão tambem escripturados os dois primeiros tenores Fédor e Swift, e o baixo profundo Hast. É para notar que destes artistas, um dos tenores é russo, o outro inglez, o baixo allemão, e as damas italianas. Ahi temos já quatro nações! De mais, a companhia ainda não estava completa, e sabe Deus a que nação irá o sr. Porto procurar a primeira dançarina e o coreographo. Tencionará elle apresentar-nos alguma dançarina egypcia, e algum coreographo grego? Por fim teremos uma nova *Babel* em S. Carlos. Tambem o publico pouco se importa com isso, e dar-se-ha por completamente satisfeito, se a companhia fôr boa, como é de esperar, ainda mesmo que nella se achem representadas todas as raças da familia europea. Mas fallando serio, alguns dos mencionados artistas sabemos nós que tem grande merecimento, que os conhecemos pela reputação que tem adquirido.

Dizem-nos que o tenor Swift, e o baixo profundo são artistas apenas no começo de sua carreira, e por isso os seus nomes não pódem ainda ser conhecidos. Cumprirá, pois, ao publico lisbonense pronunciar o seu *veredictum* sobre o seu merecimento, marcar-lhes o lugar que pódem vir a occupar no mundo theatral, animal-os com esperanças lisongeiras, ou dar-lhes logo um terrivel desengano. Temos fé que o nosso publico será juiz consciencioso e intelligente.

O que é de certo muito extraordinario é que o sr. Porto não tenha podido ír a Milão, por lh'o terem vedado as auctoridades austriacas, quando elle se propunha a passar as fronteiras. Não podemos atinar com os motivos que poderiam dar lugar a esta medida de rigor. Recearam por ventura que a chegada a Milão do enviado extraordinario e plenipotenciario do sr. Domingos José Marques Guimarães podesse produzir naquella cidade uma tal effervescencia que d'ahi resultasse uma revolução?!... Ou tomaram acaso o sr. Porto por algum agente de Mazzini, disfarçado em impresario theatral?! Nós desafiamos a todos que conhecem pessoalmente o sr. Porto, para que nos digam se elle póde, nem mesmo por uma hora, parecer-se com um revolucionario, e se não é facil conhecer logo á primeira vista, na sua physionomia, no seu todo, que a sua missão não póde deixar de ser inteiramente pacifica. Parece qve o nosso plenipotenciario theatral pouco se mortificara com aquella repulsa, e que voltando para Turim, onde se demorara alguns dias, a estas horas deve já estar em Paris. É provavel que no paquete do dia 7 de setembro, elle volte ás margens do Tejo, no meio da sua comitiva artistica, e que o theatro de S. Carlos se abra definitivamente no principio de outubro. As primeiras operas serão o *Nabucho*, o *Ernani*, e a *Sonnambula*. Esta ultima será provavelmente para debute de madame Castellan.

No domingo teve logar a estrêa da nova companhia equestre no campo de Santa Anna. Mr. e madame Bontemps são já conhecidos do nosso publico, e agradaram muito quando aqui trabalharam sob a direcção de mr. Paul Laribeau. O acolhimento que de novo tiveram, assim como o habil director mr. Lustre, foi bastante lisonjeiro, e dizem-nos que mr. Bontemps animado pelo exito que encontrou, tenciona demorar-se algum tempo nesta capital, passando a tomar posse do antigo estabelecimento no circo de Madrid.

Continuam com actividade os trabalhos para a grande illuminação do Passeio Publico. Ainda não está fixada a época em que terá logar esta brilhante funcção, em beneficio da pobreza.

Os donativos para o bazar são já em grande numero e ainda se continuam a receber. Para honra do nosso povo, podemos afoitamente dizer, que nunca se apella debalde para os seus sentimentos generosos e caritativos.

DEMETRIO RIPAMONTI.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Concluiu-se o tomo 3.º e contém:

Vende-se por 300 rs. nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

Em o numero seguinte faremos as considerações que merece o presente aviso, que muito recommendamos á attenção publica.

CASAS DE ASYLO DA PRIMEIRA INFANCIA DESVALIDA DE LISBOA.

ESTÁ reconhecida pela experiencia de muitos annos a vantagem da Sociedade das **CASAS D'ASYLO DA PRIMEIRA INFANCIA DESVALIDA**, que presta abrigo e educação a um numero muito avultado de creanças, logo que principiam a balbuciar as primeiras palavras. As diligencias que tem feito a Associação que creou em Lisboa estes uteis Estabelecimentos tem sido coroadas de felizes resultados, por quanto em logar de parar n'um pensamento benefico, mas inefficaz, como tem succedido a outras tentativas, tem-se mantido, atravessando difficuldades e obstaculos proprios da epocha.

Basearam-se sempre os seus recursos na caridade dos subscriptores que teem alimentado a instituição com o producto de seus espontaneos donativos. O augmento da receita da Sociedade no actual periodo da sua existencia é devido a esforços e diligencias que logrando a fortuna de ser bem succedidas, convém que tenham a applicação que esses esforços levaram em vista: isto é, estabelecer fundo permanente, crear uma renda certa, que permitta á Sociedade alargar a esphera de seus actos beneficos, multiplicando os Asylos, conforme se julgar necessario, e regularisando mais convenientemente e com maior amplitude os que já existem.

E' pois evidente que esta receita extraordinaria é encaminhada a assegurar a estabilidade do instituto; mas não dispensa de se promoverem todos os meios de augmentar a receita das subscripções que possam fazer face á despeza annual certa, evitando assim lançar mão daquelle fundo permanente, que só deve contribuir com os seus juros ou rendimentos; aliás, desappareceria esse capital, essa fonte de receita, se fosse desfalcada e absorvida pelas despezas correntes.

Neste intuito, e julgando desnecessario, em presença da experiencia já allegada, insistir mais na utilidade de tão benefico e civilisador instituto, O CONSELHO DE DIRECÇÃO DESTA SOCIEDADE APPELLA PARA O ILLUSTRADO PATRIOTISMO E PHILANTROPIA DOS SEUS CONCIDADÃOS, CONVIDANDO-OS A CONTRIBUIREM

COM A QUANTIA MENSAL DE 40 R.s,

tão diminuta, que está ao alcance de todas as fortunas, e que, apezar de tão exigua em relação a cada subscriptor, poderá ser de valioso auxilio para a Associação.

O Conselho vae dirigir convites para este fim, e as pessoas que porventura deixarem de os receber, e quizerem subscrever, o poderão fazer nos locaes abaixo designados. As subscripções serão recebidas em presença de recibos passados pelo thesoureiro da Sociedade.

Lisboa, 16 de agosto de 1832.

O vice-presidente do conselho
Conde de Porto Covo de Bandeira.
O thesoureiro
José Jorge Loureiro.
Os secretarios
C. A. Munro.
M. A. Vianna Pedra.

LOCAES ONDE SE SUBSCREVE.

Em qualquer dos Asylos situados, na rua dos Calafates, n.º 65 — rua do Carvalho, n.º 24 — travessa de Santa Quiteria, n.º 50 — Lapa, no recolhimento — Junqueira, no edificio da cordoaria — largo da Esperança, n.º 36 — Anjos, proximo á egreja — rua das Portas da Cruz, n.º 30.

E NAS SEGUINTES LOJAS

Rua Larga de S. Roque, n.º 15.
Chiado, n.ºs 11 e 21.
Rua Nova do Carmo, n.º 39 *F.*
» Augusta, n.ºs 8 e 22.
» Prata, n.ºs 1 e 2.

Rua do Ouro, n.º 55.
» dos Capelistas n.º 32 *B.*
Largo do Pelourinho, estação dos Omnibus.
Rocio, n.º 76.